

I

SOBRE OS ARQUÉTIPOS DO INCONSCIENTE COLETIVO

[Publicado pela primeira vez em: *Eranos Jahrbuch*, 1934 (Rhein-Verlag, Zurique, 1935).
Elaborado sob a forma de um primeiro ensaio em: *Von den Wurzeln des Bewusstseins. Studien
über den Archetypus*. (Psychologische Abhandlungen IX) Rascher, Zurique 1954.]

A hipótese de um inconsciente coletivo pertence àquele tipo de conceito que a princípio o público estranha, mas logo dele se apropria, passando a usá-lo como uma representação corrente, tal como aconteceu com o conceito do inconsciente em geral. A idéia filosófica do inconsciente, tal como é encontrada principalmente em C.G. CARUS e E. v. HARTMANN, depois de ter desaparecido sem deixar vestígios significativos na onda avassaladora do materialismo e do empirismo, reapareceu pouco a pouco no âmbito da psicologia médica, orientada para as ciências naturais. 1

A princípio o conceito do inconsciente limitava-se a designar o estado dos conteúdos reprimidos ou esquecidos. O inconsciente, em FREUD, apesar de já aparecer – pelo menos metaforicamente – como sujeito atuante, nada mais é do que o espaço de concentração desses conteúdos esquecidos e recalçados, adquirindo um significado prático graças a eles. Assim sendo, segundo FREUD, o inconsciente é de natureza exclusivamente pessoal¹, muito embora ele tenha chegado a discernir as formas de pensamento arcaico-mitológicas do inconsciente. 2

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos *inconsciente coletivo*. Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são ‘cum grano salis’ os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. 3

1. FREUD modificou seu ponto de vista fundamental aqui indicado em trabalhos posteriores: a psique instintiva foi por ele designada como “id” e o “superego” corresponde ao consciente coletivo, em parte consciente e em parte inconsciente (reprimido) pelo indivíduo.

4 Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença *de conteúdos capazes de serem conscientizados*. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovarmos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os *complexos de tonalidade emocional*, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados *arquétipos*.

5 O termo *archetypus* já se encontra em FILO JUDEU² como referência à *imago dei* no homem. Em IRINEU³ também, onde se lê: “Mundi fabricator non a semetipso fecit haec, sed de alienis archetypis transtulit” (O criador do mundo não fez essas coisas diretamente a partir de si mesmo, mas copiou-as de outros arquétipos). No *Corpus Hermeticum*⁴, Deus é denominado τὸ ἀρχέτυπον φῶς (a luz arquetípica). Em DIONÍSIO AREOPAGITA encontramos esse termo diversas vezes como “*De coelesti hierarchia*”⁵: αἱ ἀύλαι ἀρχετυπίαι (os arquétipos imateriais), bem como “*De divinis nominibus*”⁶. O termo arquétipo não é usado por AGOSTINHO, mas sua idéia no entanto está presente; por exemplo em “*De diversis quaestionibus*”, “*ideae... quae ipsae formatae non sunt... quae in divina intelligentia continentur*”⁷. (idéias... que não são formadas, mas estão contidas na inteligência divina). “Archetypus” é uma perífrase explicativa do εἶδος platônico. Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos. O termo *représentations collectives*,

2. *De opificio mundi*, Index, v. verbe.

3. *Adversus omnes haereses*, 2, 6 [p. 126].

4. [SCOTT, *Hermetica* I, p. 140; a luz arquetípica.]

5. II, IV [MIGNE, P.G. – L. III col. 144; os arquétipos imateriais].

6. II, IV (MIGNE, *op. cit.*, col. 595).

7. *De diversis quaestionibus*, LXXXIII, XLVI col. 49 [Idéias ... elas mesmas não são formadas ... contidas no saber divino]. “Arquétipo é utilizado pelos alquimistas de modo semelhante. No *Tractatus aureus* de HERMES TRISMEGISTO (*Theatrum chemicum*, 1613, IV, p. 718): “... ut Deus omnem divinitatis suae thesaurum ... in se tanquam archetypo absconditum ... eodem modo Saturnus occulte corporum metallicorum simulachra in se circumferens ...” [como Deus oculta em si todos os tesouros de sua divindade ... tal como um arquétipo ... assim do mesmo modo Saturno traz envolvido em si secretamente o simulacro de corpos metálicos.] Em VIGENERUS (*Tractatus de igne et sale* in: *Theatrum chemicum*, 1661, VI, cap. 4, p. 3) o mundo é “ad archetypi sui similitudinem factus” [criado segundo a imagem de seu arquétipo], sendo por isso chamado de “magnus homo” [grande homem] (“homo maximus” em SWEDENBORG).

usado por LÉVY-BRUHL para designar as figuras simbólicas da cosmovisão primitiva, poderia também ser aplicado aos conteúdos inconscientes, uma vez que ambos têm praticamente o mesmo significado. Os ensinamentos tribais primitivos tratam de arquétipos de um modo peculiar. Na realidade, eles não são mais conteúdos do inconsciente, pois já se transformaram em fórmulas conscientes, transmitidas segundo a tradição, geralmente sob forma de ensinamentos esotéricos. Estes são uma expressão típica para a transmissão de conteúdos coletivos, originariamente provindos do inconsciente.

Outra forma bem conhecida de expressão dos arquétipos é encontrada no mito e no conto de fada. Aqui também, no entanto, se trata de formas cunhadas de um modo específico e transmitidas através de longos períodos de tempo. O conceito de “archetypus” só se aplica indiretamente às *représentations collectives*, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente. Neste sentido, representam, portanto, um dado anímico imediato. Como tal, o arquétipo difere sensivelmente da fórmula historicamente elaborada. Especialmente em níveis mais altos dos ensinamentos secretos, os arquétipos aparecem sob uma forma que revela seguramente a influência da elaboração consciente, a qual julga e avalia. Sua manifestação imediata, como a encontramos em sonhos e visões, é muito mais individual, incompreensível e ingênua do que nos mitos, por exemplo. O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta⁸.

O significado do termo “archetypus” fica sem dúvida mais claro quando se relaciona com o mito, o ensinamento esotérico e o conto de fada. O assunto se complica, porém, se tentarmos fundamentá-lo *psicologicamente*. Até hoje os estudiosos da mitologia contentavam-se em recorrer a idéias solares, lunares, meteorológicas, vegetais, etc. O fato de que os mitos são antes de mais nada manifestações da essência da alma foi negado de modo absoluto até nossos dias. O homem primitivo não se interessa pelas explicações objetivas do óbvio, mas, por outro lado, tem uma necessidade imperativa, ou melhor, a sua alma inconsciente é impedida irresistivelmente a assimilar toda experiência externa sensorial a

8. Para sermos exatos devemos distinguir entre “arquétipo” e “idéias arquetípicas”. O arquétipo representa um modelo hipotético abstrato, como o *pattern of behavior* conhecido na biologia. V. a respeito [JUNG], *Theoretische Überlegungen zum Wesen des Psychischen*.

acontecimentos anímicos. Para o primitivo não basta ver o Sol nascer e declinar; esta observação exterior deve corresponder – para ele – a um acontecimento anímico, isto é, o Sol deve representar em sua trajetória o destino de um deus ou herói que, no fundo, habita unicamente a alma do homem. Todos os acontecimentos mitologizados da natureza, tais como o verão e o inverno, as fases da lua, as estações chuvosas, etc., não são de modo algum alegorias⁹ destas, experiências objetivas, mas sim, expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma, que a consciência humana consegue apreender através de projeção – isto é, espelhadas nos fenômenos da natureza. A projeção é tão radical que foram necessários vários milênios de civilização para desligá-la de algum modo de seu objeto exterior. No caso da astrologia, por exemplo, chegou-se a considerar esta antiqüíssima *scientia intuitiva* como absolutamente herética, por não conseguir separar das estrelas a caracterologia psicológica. Mesmo hoje, quem acredita ainda na astrologia, sucumbe quase invariavelmente à antiga superstição da influência dos astros. E todo aquele que é capaz de calcular um horóscopo deveria saber que desde os dias de HIPARCO DE ALEXANDRIA o ponto vernal é fixado em 0° de Áries e assim todo horóscopo se baseia num zodíaco arbitrário, porque desde essa época o ponto vernal avançou gradativamente para os graus iniciais de Peixes devido à precessão dos equinócios.

8 O homem primitivo é de uma tal subjetividade que é de admirar-se o fato de não termos relacionado antes os mitos com os acontecimentos anímicos. Seu conhecimento da natureza é essencialmente a linguagem e as vestes externas do processo anímico inconsciente. Mais precisamente pelo fato de este processo ser inconsciente é que o homem pensou em tudo, menos na alma, para explicar o mito. Ele simplesmente ignorava que a alma contém todas as imagens das quais surgiram os mitos, e que nosso inconsciente é um sujeito atuante e padecente, cujo drama o homem primitivo encontra analogicamente em todos os fenômenos grandes e pequenos da natureza¹⁰.

9 “As estrelas do teu próprio destino jazem em teu peito”, diz Seni a Wallenstein¹¹, dito que resgataria a astrologia, por pouco que soubés-

9. Alegoria é uma paráfrase de um conteúdo consciente, ao passo que símbolo é a melhor expressão possível para um conteúdo inconsciente apenas pressentido, mas ainda desconhecido.

10. Compare-se com JUNG e KÉRENYI, *Einführung in das Wesen der Mythologie* [e os capítulos VI e VII deste volume].

11. [SCHILLER, *Die Piccolomini*, II, 6, p. 118.]

semos deste segredo do coração. Mas até então o homem pouco se interessara por isso. Nem mesmo ousou afirmar que as coisas tenham melhorado atualmente.

O ensinamento tribal é sagrado e perigoso. Todos os ensinamentos secretos procuram captar os acontecimentos invisíveis da alma, e todos se arrogam a autoridade suprema. O que é verdadeiro em relação ao ensinamento primitivo o é, em maior grau, no tocante às religiões dominantes do mundo. Elas contêm uma sabedoria revelada, originalmente oculta, e exprimem os segredos da alma em imagens magníficas. Seus templos e suas escrituras sagradas anunciam em imagens e palavras a doutrina santificada desde eras remotas, acessível a todo coração devoto, toda visão sensível, todo pensamento que atinge a profundidade. Sim, somos obrigados mesmo a dizer que quanto mais bela, mais sublime e abrangente se tornou a imagem transmitida pela tradição, tanto mais afastada está da experiência individual. Só nos resta intuí-la e senti-la, mas a experiência originária se perdeu. 10

Por que é a psicologia a mais nova das ciências empíricas? Por que não se descobriu há muito o inconsciente e não se resgatou o seu tesouro de imagens eternas? Simplesmente porque tínhamos uma fórmula religiosa para todas as coisas da alma – muito mais bela e abrangente do que a experiência direta. Se a visão cristã do mundo esmaeceu para muitos, as câmaras dos tesouros simbólicos do Oriente ainda repletos de maravilhas podem nutrir por muito tempo ainda o desejo de contemplar, usando novas vestes. Além do mais, estas imagens – sejam elas cristãs, budistas ou o que for – são lindas, misteriosas e plenas de intuição. Na verdade, quanto mais nos aproximarmos delas e com elas nos habituarmos, mais se desgastarão, de tal modo que só restará a sua exterioridade banal, em seu paradoxo quase isento de sentido. O mistério do nascimento virginal ou a homoousia do Filho com o Pai, ou a Trindade, que não é uma tríade, não propiciam mais o vôo da fantasia filosófica. Tornaram-se meros objetos de fé. Não surpreende, portanto, que a necessidade religiosa, o sentido da fé e a especulação filosófica do europeu culto se sintam atraídos pelos símbolos do Oriente – pelas grandiosas concepções da divindade na Índia e pelos abismos da filosofia taoísta na China – tal como outrora o coração e o espírito do homem da Antigüidade foram seduzidos pelas idéias cristãs. Há muitos que se entregaram inicialmente aos símbolos cristãos a ponto de se emaranharem numa neurose kierkegaardiana, ou cuja relação com Deus – devido ao crescente depauperamento da simbólica, evoluiu para uma insuportável e sofisticada relação Eu-Tu – para ca- 11

írem depois vítimas da novidade mágica e exótica da simbólica oriental. O sucumbir à nova simbólica não significa necessariamente sempre uma derrota; apenas prova a abertura e vitalidade do sentimento religioso. Observamos a mesma coisa nos orientais cultos, que não raro se sentem atraídos pelo símbolo cristão e pela ciência tão inadequada à mente oriental, desenvolvendo mesmo uma invejável compreensão dos mesmos. Render-se ou sucumbir a estas imagens eternas é até mesmo normal. É por isso que existem tais imagens. Sua função é atrair, convencer, fascinar e subjugar. Elas são criadas a partir da matéria originária da revelação e representam a sempre primeira experiência da divindade. Por isso proporcionam ao homem o pressentimento do divino, protegendo-o ao mesmo tempo da experiência direta do divino. Graças ao labor do espírito humano através dos séculos, tais imagens foram depositadas num sistema abrangente de pensamentos ordenadores do mundo, e ao mesmo tempo são representadas por uma instituição poderosa e venerável que se expandiu, chamada Igreja.

- 12 O melhor exemplo que ilustra o que penso é o místico e eremita suíço NICOLAU DE FLÜE¹², canonizado recentemente. Talvez sua experiência mais importante foi a chamada visão da Trindade que obcecou seu espírito a ponto de tê-la mandado pintar na parede de sua cela. A visão foi representada numa pintura da época e está preservada na Igreja paroquial de Sachseln: é uma mandala dividida em seis partes, cujo centro é o semblante coroado de Deus. Sabe-se que o BRUDER KLAUS investigou a natureza de sua visão com a ajuda de um livrinho ilustrado de um místico alemão, numa tentativa de compreender sua experiência primordial. Durante anos ocupou-se com esse trabalho. É o que designo por “elaboração” do símbolo. Sua reflexão sobre a natureza da visão, influenciada pelos diagramas místicos que usou como fio condutor, levou-o necessariamente à conclusão de que deveria ter visto a própria Santíssima Trindade e, portanto, o *Summum bonum*, o amor eterno. A representação expurgada de Sachseln corresponde a esta visão.
- 13 A experiência original, no entanto, fora bem diversa. Em seu êxtase, a visão que aparecera a BRUDER KLAUS era tão terrível que seu próprio rosto se desfigurou de tal modo que as pessoas se assustavam, temendo-o. É que ele se defrontara com uma visão de máxima intensidade. WOELFLIN escreve a respeito: “Todos os que se aproximavam dele ficavam assustados. Sobre a causa deste terror, ele mesmo costumava di-

12. [Cf. JUNG, *Bruder Klaus*.]

zer que havia visto uma luz penetrante, representando um semblante humano. Ao visualizá-lo temera que seu coração explodisse em estilhaços. Por isso, tomado de pavor, desviara o rosto, caindo por terra. Eis a razão pela qual o seu rosto inspirava terror aos outros”¹³.

Essa visão tem sido relacionada com a de *Apocalipse* 1,13¹⁴, isto é, com aquela estranha imagem apocalíptica de Cristo, só ultrapassada em estranheza e monstruosidade pelo cordeiro terrífico de sete olhos e sete chifres (*Apocalipse* 5,6s). É difícil relacionar esta figura com o Cristo dos Evangelhos. Logo de início esta visão foi interpretada pela tradição de uma determinada maneira. O humanista KARL BOVILLUS escreve em 1508 a um amigo: “Quero falar-te acerca de um semblante que certa vez lhe aparecera no céu, numa noite estrelada, quando ele se encontrava absorto em oração e contemplação. Viu a forma de um rosto humano, de expressão terrível, cheia de ira, ameaçadora” etc.¹⁵

Esta interpretação coincide perfeitamente com a amplificação moderna do *Apocalipse* 1,13¹⁶. Além disso não devemos esquecer as demais visões de BRUDER KLAUS; por exemplo, a de Cristo vestindo pele de urso, do Deus homem e mulher, e dele próprio (BRUDER KLAUS) como Filho, etc. Tais visões apresentam características muito pouco dogmáticas.

A imagem da Trindade na Igreja de Sachseln, bem como a simbólica da roda no chamado *Tratado do Peregrino*¹⁷ foram relacionadas tradicionalmente com essa grande visão. BRUDER KLAUS mostrou a imagem da roda ao peregrino que o visitava. É evidente que essa imagem o preocupara. BLANKE, contrariamente à tradição, nega que haja qualquer re-

13. BLANKE, *Bruder Klaus von Flüe*, p. 92s: “Quotquot autem ad hunc advenissent, primo conspectu nimio stupore sunt perculsi. Eius ille terroris hanc esse causam dicebat, quod splendorem vidisset intensissimum, humanam faciem ostentantem cuius intuitu cor sibi in minuta dissiliturum frustula pertimesceret: unde et ipse stupefactus, averso statim vultu, in terram corruisset arque ob eam rem suum aspectum caeteris videri horribilem”. [STÖCKLI, *Die Visionen des seligen Bruder Klaus*, p. 34.]

14. BLANKE, *op. cit.*, p. 94.

15. STÖCKLI, *op. cit.*

16. LAVAUD (*Vie profonde de Nicolas de Flüe*). Trata-se de um paralelo igualmente notável com texto do *Horologium sapientiae* de HEINRICH SEUSE, no qual o Cristo apocalíptico aparece como vingador irado e colérico, de modo oposto ao do Jesus do Sermão da Montanha.

17. [Ein nützlicher und loblicher Tractat von Bruder Claus und einem Bilger. Cf. STÖCKLI, p. 95.]

lação entre a visão e a representação da Trindade¹⁸. Acho exagerado tal ceticismo. Deve ter havido algum motivo para que BRUDER KLAUS se interessasse pela imagem da roda. Visões semelhantes provocam muitas vezes confusão mental e desintegração (o coração que “explode em estilhaços”). A experiência nos ensina que o “círculo protetor”, a mandala, é o antídoto tradicional para os estados mentais caóticos. É, portanto, bastante compreensível que BRUDER KLAUS ficasse fascinado pelo símbolo da roda. A interpretação da visão terrível como uma experiência de Deus não me parece fora de propósito. Relacionar a grande visão com o quadro da Trindade de Sachseln, ou seja, com o símbolo da roda, parece-me portanto provável, inclusive por motivos internos e psicológicos.

17 Esta visão, sem dúvida alguma, apavorante, irrompendo como um vulcão na visão de mundo religiosa de BRUDER KLAUS sem qualquer prelúdio dogmático ou comentário exegético, exigiu um longo trabalho de assimilação a fim de ordenar a estrutura total da alma, restaurando seu equilíbrio alterado. A elaboração dessa vivência ocorreu sobre a base outrora inabalável do dogma, o qual provou a sua força de assimilação, transformando algo de terrivelmente vivo na beleza salvífica da idéia da Trindade. Mas a elaboração também poderia ter ocorrido no terreno totalmente diverso da visão e sua realidade numinosa – provavelmente em prejuízo do conceito cristão de Deus e em prejuízo ainda maior do próprio BRUDER KLAUS que, neste caso, não se teria tornado um santo, mas sim um herético (ou um lunático), cuja vida terminaria numa fogueira.

18 Este exemplo demonstra a utilidade do símbolo dogmático: ele formula uma vivência anímica tão tremenda quanto perigosamente decisiva, que se chama “experiência de Deus”; devido à sua suprema intensidade reveste-se de uma forma suportável para a capacidade de compreensão humana, sem comprometer o alcance dessa experiência ou prejudicar a transcendência de seu significado. A visão da ira divina que também encontramos – em certo sentido – em JACOB BÖHME não condiz com a imagem de Deus no Novo Testamento, do Pai amoroso e celeste. Este fato poderia ter gerado um conflito interno. O espírito da época até mesmo ter-se-ia prestado a isso – fins do século XV, época de um NICOLAU DE CUSA que com sua fórmula do “complexio oppositorum” antecipava o cisma iminente! Pouco tempo depois, o conceito javístico de Deus foi alvo de uma série de renascimentos no Protestantismo. Javé é um conceito de Deus que ainda contém opostos inseparáveis.

18. *Op. cit.*, p. 95s.

BRUDER KLAUS rompeu com o convencional e com a tradição, ao abandonar sua casa e família, indo morar sozinho por muito tempo, mergulhando seu olhar tão profundamente no espelho escuro, que a experiência primordial miraculosa e terrífica o colheu. Nesta situação, a imagem dogmática da divindade, desenvolvida através dos séculos, teve nele o efeito de uma poção salutar de cura. Ajudou-o a assimilar a irrupção fatal de uma imagem arquetípica, a fim de evitar seu próprio esvaecimento. ÂNGELO SILÉSIO não foi tão feliz; as contradições internas o desintegraram, pois em sua época a firmeza da Igreja que garante o dogma já estava abalada. 19

JACOB BÖHME também conhece um Deus do “fogo da ira”, um verdadeiro *absconditus*. Por um lado, ele foi capaz de transpor a profunda e dilacerante contradição interior através da fórmula cristã de Pai-Filho, incorporando especulativamente sua visão de mundo, a qual, apesar de gnóstica, era cristã em todos os pontos essenciais. De outro modo ter-se-ia tornado um dualista. Por outro lado, não há dúvida de que a alquimia veio em seu auxílio, pois há muito tempo ele vinha abrindo o caminho da união dos opostos. Em todo caso, os vestígios do conflito ainda são visíveis em sua mandala acrescentada às “Quarenta questões acerca da alma”¹⁹, mostrando a natureza da divindade. A mandala é dividida em duas metades, uma escura e outra luminosa, e os semicírculos que lhes correspondem, em lugar de se completarem fechando o círculo, dão-se as costas um ao outro²⁰. 20

O dogma substitui o inconsciente coletivo, na medida em que o formula de modo abrangente. O estilo de vida católico neste sentido desconhece completamente tais problemas psicológicos. Quase toda a vida do inconsciente coletivo foi canalizada para as idéias dogmáticas de natureza arquetípica, fluindo como uma torrente controlada no simbolismo do credo e do ritual. Ela manifesta-se na interioridade da alma do católico. O inconsciente coletivo, tal como hoje o conhecemos, nunca foi assunto de psicologia, pois antes da Igreja cristã existiam os antigos mistérios, cuja origem remonta às brumas do neolítico. A humanidade sempre teve em abundância imagens poderosas que a protegiam magicamente contra as coisas abissais da alma, assustadoramente vivas. As figuras do inconsciente sempre foram expressas através de imagens protetoras e curativas, e assim expelidas da psique para o espaço cósmico. 21

19. [*Viertzig Fragen von der Seelen Vrstand, Essentz, Wesen, Natur und Eigenschaft usw.*]

20. Cf. Estudo empírico do processo de individuação [Cap. XI deste volume].

- 22 A iconoclastia da Reforma abriu literalmente uma fenda na muralha protetora das imagens sagradas e desde então elas vêm desmoronando umas após as outras. Tornaram-se precárias por colidirem com a razão desperta. Além do mais, muito antes seu significado já fora esquecido. Terá sido realmente um esquecimento? Ou, no fundo, o homem jamais soube o que significavam, e só recentemente a humanidade protestante percebeu que não temos a menor idéia do que quer dizer o nascimento virginal, a divindade de Cristo, e as complexidades da Trindade? Até parece que essas imagens simplesmente surgiam e eram aceitas sem questionamento, sem reflexão, tal como as pessoas enfeitam as árvores de Natal e escondem ovos de Páscoa, sem saberem o que tais costumes significam. O fato é que as imagens arquetípicas têm um sentido a priori tão profundo que nunca questionamos seu sentido real. Por isso os deuses morrem, porque de repente descobrimos que eles nada significam, que foram feitos pela mão do homem, de madeira ou pedra, puras inutilidades. Na verdade o homem apenas descobriu que até então jamais havia pensado acerca de suas imagens. E quando começa a pensar sobre elas, recorre ao que se chama “razão”; no fundo, porém, esta razão nada mais é do que seus preconceitos e miopias.
- 23 A história da evolução do protestantismo é uma iconoclastia crônica. Um muro após o outro desabava. E nem foi tão difícil esta destruição, uma vez que a autoridade da Igreja já estava abalada. Sabemos como as coisas entraram em colapso, uma a uma, tanto as grandes como as pequenas, no coletivo e no individual, e como surgiu a alarmante pobreza dos símbolos atualmente reinantes. Com isso, a Igreja também perdeu sua força; uma fortaleza, despojada de seus bastiões e casamatas; uma casa, cujas paredes foram demolidas e que fica exposta a todos os ventos e perigos do mundo. Um colapso deveras lamentável, que fere o senso histórico, pois a desintegração do Protestantismo em centenas de denominações diferentes é o sinal inconfundível de que a inquietação perdura.
- 24 O homem protestante foi relegado a uma falta de proteção de tal ordem que faria tremer o homem natural. A consciência esclarecida nega-se a reconhecer tal fato, mas procura em silêncio em outro lugar o que foi perdido na Europa. Buscam-se imagens efetivas, formas de pensamento que tranquilizem inquietações do coração e da mente e os tesouros do Oriente são encontrados.
- 25 A rigor, podemos duvidar disto. Ninguém obrigou os romanos a importarem cultos asiáticos, como se fossem bens de consumo. Se o cristianismo tivesse sido de fato tão estranho e inadequado aos povos germâni-

cos, eles o teriam rejeitado facilmente, depois do declínio do prestígio das legiões romanas. Mas o cristianismo permaneceu, porque corresponde ao modelo arquetípico vigente. No entanto, com o correr dos séculos, ele transformou-se em algo que teria causado espanto ao seu fundador, caso ainda estivesse vivo; e o cristianismo de negros e indianos também daria motivo a considerações históricas. Por que, então, o Ocidente não deveria assimilar formas orientais? Os romanos viajavam a Elêusis, à Samotrácia e ao Egito, a fim de serem iniciados. Parece até mesmo que havia no Egito um verdadeiro turismo desse tipo.

Os deuses helênicos e romanos morriam da mesma doença que os nossos símbolos cristãos: naquele tempo, como hoje, os homens perceberam que nada pensavam a respeito. Contrariamente, os deuses estrangeiros ainda tinham mana inexaurido. Seus nomes eram estranhos e incompreensíveis e seus atos portentosamente obscuros, bem diversos da desgastada *chronique scandaleuse* do Olimpo. Os símbolos asiáticos pelo menos não eram compreensíveis, não sendo portanto vulgares como os deuses convencionais. O fato de que o povo aceitasse o novo tão impensadamente quanto havia rejeitado o velho não constituía problema nessa época. 26

Hoje seria isto um problema? Será que podemos vestir como uma roupa nova símbolos já feitos, crescidos em solo exótico, embebidos de sangue estrangeiro, falados em línguas estranhas, nutridos por uma cultura estranha, evoluídos no contexto de uma história estranha? Um mendigo que se envolve numa veste real; um rei que se disfarça em mendigo? Sem dúvida, isto é possível. Ou há dentro de nós uma ordem de não participar de mascaradas, mas talvez até de costurarmos nossa própria vestimenta? 27

Estou convencido de que o depauperamento crescente dos símbolos tem um sentido. O desenvolvimento dos símbolos tem uma consequência interior. Tudo aquilo sobre o que nada pensávamos e a que, portanto, faltava uma conexão adequada com a consciência em desenvolvimento, foi perdido. Tentar cobrir a nudez com suntuosas vestes orientais, tal como fazem os teósofos, seria cometer uma infidelidade para com a nossa história. Não caímos no estado de mendicância para depois posar como um rei indiano de teatro. Mais vale, na minha opinião, reconhecer abertamente nossa pobreza espiritual pela falta de símbolos, do que fingir possuir algo, de que decididamente não somos os herdeiros legítimos. Certamente somos os herdeiros de direito da simbólica cristã, mas de algum modo desperdiçamos essa herança. Deixamos cair em ruínas a casa construída por nosso pai, e agora tentamos invadir palácios orientais que 28

nossos pais jamais conheceram. Aquele que perdeu os símbolos históricos e não pode contentar-se com um substitutivo, encontra-se hoje em situação difícil: diante dele o nada bocejante, do qual ele se aparta atemorizado. Pior ainda: o vácuo é preenchido com absurdas idéias político-sociais e todas elas se caracterizam por sua desolação espiritual. Mas quem não consegue conviver com esses pedantismos doutrinários vê-se forçado a recorrer seriamente à sua confiança em Deus, embora em geral se constate que o medo é ainda mais convincente. Tal medo decerto não é injustificado, pois onde o perigo é maior, Deus parece aproximar-se. É perigoso confessar a própria pobreza espiritual, pois o pobre cobiça e quem cobiça atrai fatalidade. Um drástico provérbio suíço diz: “Por detrás de cada rico há um demônio e atrás de cada pobre, dois”.

29 Da mesma forma que os votos de pobreza material, no cristianismo, afastavam a mente dos bens do mundo, a pobreza espiritual renuncia às falsas riquezas do espírito, a fim de fugir não só dos míseros resquícios de um grande passado, a “Igreja” protestante, mas também de todas as seduções do perfume exótico, a fim de voltar a si mesma, onde à fria luz da consciência, a desolação do mundo se expande até as estrelas.

30 Já herdamos essa pobreza de nossos pais. Lembro-me das aulas que meu pai me ministrava, preparando-me para a confirmação. O catecismo me entediava indizivelmente. Certa vez, ao folhear o meu livrinho, à espera de encontrar algo de interessante, meus olhos se detiveram no parágrafo sobre a Trindade. Isso me interessava e esperava impaciente que chegássemos a essa passagem nas aulas. Ao chegar a hora esperada, meu pai disse: “Vamos saltar esse capítulo, pois eu mesmo nada entendo do seu conteúdo”. Assim ficou sepultada minha última esperança. Admirei a honestidade do meu pai, mas isso não me ajudou a superar o tédio mortal que a partir de então me causava toda conversa religiosa.

31 Nosso intelecto realizou tremendas proezas enquanto desmoronava nossa morada espiritual. Estamos profundamente convencidos de que apesar dos mais modernos e potentes telescópios refletores construídos nos Estados Unidos, não descobriremos nenhum empíreo nas mais longínquas nebulosas; sabemos também que o nosso olhar errará desesperadamente através do vazio mortal dos espaços incomensuráveis. As coisas não melhoram quando a física matemática nos revela o mundo do infinitamente pequeno. Finalmente, desenterramos a sabedoria de todos os tempos e povos, descobrindo que tudo o que há de mais caro e precioso já foi dito na mais bela linguagem. Estendemos as mãos como crianças ávidas e, ao apanhá-lo, pensamos possuí-lo. No entanto, o que possuímos

não tem mais validade e as mãos se cansam de reter, pois a riqueza está em toda a parte, até onde o olhar alcança. O que julgávamos possuir se transforma em água e mais de um aprendiz de feiticeiro acabou se afogando nessas águas por ele mesmo invocadas – caso não tenha sucumbido antes ao delírio de que esta sabedoria é boa e aquela outra, má. É destes adeptos que provêm os doentes preocupantes, os que julgam ter uma missão profética. Isto porque a cisão artificial entre a sabedoria verdadeira e a falsa cria uma tamanha tensão na alma, que dela surge uma solidão e uma dependência como a do morfinômano, o qual sempre espera encontrar companheiros de vício.

Uma vez que nossa herança natural se evola, dizemos com HERÁCLITO que todo espírito também desce de sua altura ígnea. Quando o espírito se torna pesado, transforma-se em água e o intelecto tomado de presunção luciferina usurpa o trono onde reinava o espírito. O espírito pode reivindicar legitimamente o “patrias potestas” (pátrio poder) sobre a alma; não porém o intelecto nascido da terra, por ser espada ou martelo do homem e não um criador de mundos espirituais, um pai da alma. No tocante a isso, KLAGES acertou no alvo e SCHELER, com seu restabelecimento do espírito, foi suficientemente modesto, pois ambos são filhos de uma época na qual o espírito não paira mais no alto, mas está embaixo, não é mais fogo, mas se tornou água. 32

Portanto, o caminho da alma que procura o pai perdido – tal como Sofia procurando Bythos – leva à água, ao espelho escuro que repousa em seu fundo. Aquele que escolher o estado de pobreza espiritual, a verdadeira herança de um protestantismo vivido até as últimas consequências, chega ao caminho da alma que conduz à água. Esta no entanto não é uma expressão metafórica, mas um símbolo vivo da psique escura. A melhor ilustração do que acabo de dizer é um caso concreto escolhido entre muitos: 33

Um teólogo protestante tem freqüentemente um mesmo sonho: *Ele encontra-se numa encosta ao pé da qual há um vale profundo e, neste, um lago escuro. No sonho ele sabe que algo sempre o impede de aproximar-se do lago. Mas agora decide ir até a água. Ao aproximar-se da margem tudo fica mais escuro e lúgubre e uma rajada de vento passa subitamente sobre a água. Entra em pânico e acorda.* 34

Este sonho mostra-nos o simbolismo natural. O sonhador desce à sua própria profundidade, e o caminho o leva à água misteriosa. Ocorre então o milagre da piscina de Betesda. Um anjo desce e toca a água que adquire então um poder curativo. No sonho, é o vento, o pneuma, que sopra 35

onde quer. É necessário que um homem desça até a água, a fim de que se produza o milagre da vivificação (da água). O sopro do espírito que passa sobre a superfície escura é sinistro, como tudo aquilo cuja causa não somos ou então desconhecemos. É o indício de uma presença invisível de um nume cuja vida não se deve nem à expectativa humana nem à maquiagem da vontade. Vive por si só e um calafrio perpassa o corpo da pessoa que acreditava ser o “espírito” apenas algo em que se crê, se faz, se lê nos livros ou é assunto de conversa. Mas quando ocorre espontaneamente, uma assombração e um terror primitivo se apoderam da mente ingênua. Os anciãos da tribo dos elgonyi, no Quênia, descreveram-me o deus noturno como aquele que “provoca o medo”. “Ele chega a nós”, diziam, “como uma rajada fria de vento que nos faz tiritar, ou então passa assobiando em redemoinho pelo capim alto”; um Pan africano que na hora fantasmagórica do meio-dia toca sua flauta, assustando os pastores.

36 No sonho, o sopro do pneuma amedrontou outro pastor, um pastor do rebanho, que na escuridão da noite pisou na margem coberta de juncos perto da água no vale profundo da alma. Sim, aquele espírito ígneo descera outrora ao reino da natureza, às árvores e rochas e às águas da alma tal como o ancião que no *Zarathustra* de NIETZSCHE²¹, cansado da humanidade, retirou-se para a floresta, a fim de resmungar com os ursos em louvor ao Criador.

37 Temos, seguramente, de percorrer o caminho da água, que sempre tende a descer, se quisermos resgatar o tesouro, a preciosa herança do Pai. No hino gnóstico à alma²², o Filho é enviado pelos pais à procura da pérola perdida que caíra da coroa real do Pai. Ela jaz no fundo de um poço profundo, guardada por um dragão, na terra dos egípcios – mundo de concupiscência e embriaguez com todas as suas riquezas físicas e espirituais. O filho e herdeiro parte à procura da jóia, e se esquece de si mesmo e de sua tarefa na orgia dos prazeres mundanos dos egípcios, até que uma carta do pai o lembra do seu dever. Ele põe-se então a caminho em direção à água e mergulha na profundidade sombria do poço, em cujo fundo encontra a pérola, para oferecê-la então à suprema divindade.

38 Este hino, atribuído a BARDESANES, data de uma época que em muitos aspectos se assemelha à nossa. A humanidade estava à procura e à

21. [p. 12.]

22. [Cf. *Thomasakten*, in: *Neutestamentliche Apokryphen* (ed. HENNECKE), p. 277-281.]

espera, e foi o peixe – *levatus de profundo*²³ (tirado do profundo) – da fonte que se tornou o símbolo do Salvador, portador da cura.

Ao escrever essas linhas, recebi uma carta de Vancouver, de alguém que eu não conhecia. O remetente intrigado com seus sonhos que giravam sempre em torno do tema da água escreve: “Almost every time I dream *it is about water: either I am having a bath, or water-closet is overflowing, or a pipe is bursting, or my home has drifted down to the water edge, or I see an acquaintance about to sink into water, or I am trying to get out of water, or I am having a bath and the tub is about to overflow, etc.*”²⁴. 39

A água é o símbolo mais comum do inconsciente. O lago no vale é o inconsciente que, de certo modo, fica abaixo da consciência, razão pela qual muitas vezes é chamado de “subconsciente”, não raro com uma conotação pejorativa de uma consciência inferior. A água é o “espírito do vale”, o dragão aquático do Tao, cuja natureza se assemelha à água – um yang incluído no yin. Psicologicamente a água significa o espírito que se tornou inconsciente. Por isso, o sonho do teólogo diz corretamente que ele pode experimentar na água o efeito do espírito vivo como um milagre de cura na piscina de Betesda. A descida às profundezas sempre parece preceder a subida. Outro teólogo sonhou²⁵ que *avistara uma espécie de Castelo do Graal sobre uma montanha. Ele caminhava por uma estrada que parecia conduzir diretamente ao pé da montanha e à subida. Ao aproximar-se da montanha, porém, descobriu, para seu grande desaponto, que um abismo o separava da montanha, uma garganta profunda e escura onde corria, rumorejando, uma água do submundo. Havia um atalho íngreme que levava ao fundo e subia penosamente do outro lado. A perspectiva não era das melhores.* O sonhador então acorda. Aqui também ele almeja alcançar alturas luminosas, mas depara primeiro com a necessidade de mergulhar numa profundidade escura, que se revela como condição indispensável para uma ascensão maior. O homem prudente percebe o perigo nas profundezas e o evita, mas também desperdiça o bem que conquistaria numa façanha corajosa, embora imprudente. 40

23. AGOSTINHO, *Confessionum Libri*, XIII, XXI, col. 395, 29.

24. [Praticamente sempre que sonho é com água: estou tomando banho, ou a privada transborda, ou um cano se rompe, ou ainda minha casa é arrastada pelas águas, ou vejo como um conhecido está prestes a se afogar, ou tento sair da água, ou vou tomar banho e a banheira transborda.]

25. Não é de se espantar que se trate novamente do sonho de um teólogo, pois um sacerdote obviamente já se preocupa com o tema da Ascensão. Tantas vezes deve falar acerca disto que é natural surgir a pergunta de como sua própria ascensão espiritual ocorre.

- 41 O testemunho do sonho encontra uma violenta resistência por parte da mente consciente, que só conhece o “espírito” como algo que se encontra no alto. O “espírito” parece sempre vir de cima, enquanto tudo o que é turvo e reprovável vem de baixo. Segundo esse modo de ver o espírito significa a máxima liberdade, um flutuar sobre os abismos, uma evasão do cárcere do mundo ctônico, por isso um refúgio para todos os pusilânimes que não querem “tornar-se” algo diverso. Mas a água é tangível e terrestre, também é o fluido do corpo dominado pelo instinto, sangue e fluxo de sangue, o odor do animal e a corporalidade cheia de paixão. O inconsciente é a psique que alcança, a partir da luz diurna de uma consciência espiritual, e moralmente lúcida, o sistema nervoso designado há muito tempo por “simpático”. Este não controla como o sistema cérebroespinal a percepção e a atividade muscular e através delas o meio ambiente; mantém no entanto o equilíbrio da vida sem os órgãos dos sentidos, através das vias misteriosas de excitação, que não só anunciam a natureza mais profunda de outra vida, mas também irradia sobre ela um efeito interno. Neste sentido, trata-se de um sistema extremamente coletivo: a base operativa de toda *participation mystique*, ao passo que a função cérebro-espinal culmina na distinção diferenciada do eu, e só apreende o superficial e exterior sempre por meio do espaço. Esta função capta tudo como “fora”, ao passo que o sistema simpático tudo vivencia como “dentro”.
- 42 O inconsciente é considerado geralmente como uma espécie de intimidade pessoal encapsulada, mais ou menos o que a Bíblia chama de “coração”, considerando-o como a fonte de todos os maus pensamentos. Nas câmaras do coração moram os terríveis espíritos sanguinários, a ira súbita e a fraqueza dos sentidos. Este é o modo como o inconsciente é visto pelo lado consciente. A consciência, porém, parece ser essencialmente uma questão de cérebro, o qual vê tudo, separa e vê isoladamente, inclusive o inconsciente, encarado sempre como *meu* inconsciente. Pensa-se por isso de um modo geral que quem desce ao inconsciente chega a uma atmosfera sufocante de subjetividade egocêntrica, ficando neste beco sem saída à mercê do ataque de todos os animais ferozes abrigados na caverna do submundo anímico.
- 43 Verdadeiramente, aquele que olha o espelho da água vê em primeiro lugar sua própria imagem. Quem caminha em direção a si mesmo corre o risco do encontro consigo mesmo. O espelho não lisonjeia, mostrando fielmente o que quer que nele se olhe; ou seja, aquela face que nunca mostramos ao mundo, porque a encobrimos com a *persona*, a máscara do ator. Mas o espelho está por detrás da máscara e mostra a face verdadeira.

Esta é a primeira prova de coragem no caminho interior, uma prova que basta para afugentar a maioria, pois o encontro consigo mesmo pertence às coisas desagradáveis que evitamos, enquanto pudermos projetar o negativo à nossa volta. Se formos capazes de ver nossa própria sombra, e suportá-la, sabendo que existe, só teríamos resolvido uma pequena parte do problema. Teríamos, pelo menos, trazido à tona o inconsciente pessoal. A sombra, porém, é uma parte viva da personalidade e por isso quer comparecer de alguma forma. Não é possível anulá-la argumentando, ou torná-la inofensiva através da racionalização. Este problema é extremamente difícil, pois não desafia apenas o homem total, mas também o adverte acerca do seu desamparo e impotência. Às naturezas fortes – ou deveríamos chamá-las fracas? – tal alusão não é agradável. Preferem inventar o mundo heróico, além do bem e do mal, e cortam o nó górdio em vez de desatá-lo. No entanto, mais cedo ou mais tarde, as contas terão que ser acertadas. Temos porém que reconhecer: há problemas simplesmente insolúveis por nossos próprios meios. Admiti-lo tem a vantagem de tornar-nos verdadeiramente honestos e autênticos. Assim se coloca a base para uma reação compensatória do inconsciente coletivo; em outras palavras, tendemos a dar ouvidos a uma idéia auxiliadora, ou a perceber pensamentos cuja manifestação não permitíamos antes. Talvez prestemos atenção a sonhos que ocorrem em tais momentos, ou pensemos acerca de acontecimentos ocorridos no mesmo período. Se tivermos tal atitude, forças auxiliadoras adormecidas na nossa natureza mais profunda poderão despertar e vir em nosso auxílio, pois o desamparo e a fraqueza são vivência eterna e eterna questão da humanidade. Há também uma eterna resposta a tal questão, senão o homem teria sucumbido há muito tempo. Depois de fazermos todo o possível resta somente o recurso de fazer aquilo que se faria se soubéssemos o quê. Mas em que medida o homem se conhece a si mesmo? Bem pouco, como a experiência revela. Assim sendo, resta muito espaço para o inconsciente. Como se sabe, a oração exige uma atitude semelhante. Por isso tem um efeito correspondente.

A reação necessária e da qual o inconsciente coletivo precisa se expressa através de representações formadas arquetipicamente. O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exigüidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas para sabermos quem somos, temos de conhecer-nos a nós mesmos, porque o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas, aparentemente sem dentro nem fora, sem em cima, nem embaixo, sem um aqui ou um lá, sem meu nem teu, sem bem, nem

mal. É o mundo da água, onde todo vivente flutua em suspenso, onde começa o reino do “simpático” da alma de todo ser vivo, onde sou inseparavelmente isto e aquilo, onde vivencio o outro em mim, e o outro que não sou, me vivencia.

46 O inconsciente coletivo é tudo, menos um sistema pessoal encapsulado, é objetividade ampla como o mundo e aberta ao mundo. Eu sou o objeto de todos os sujeitos, numa total inversão de minha consciência habitual, em que sempre sou sujeito que *tem* objetos. Lá eu estou na mais direta ligação com o mundo, de forma que facilmente esqueço quem sou na realidade. “Perdido em si mesmo” é uma boa expressão para caracterizar este estado. Este si-mesmo, porém, é o mundo, ou melhor, um mundo, se uma consciência pudesse vê-lo. Por isso, devemos saber quem somos.

47 Mal o inconsciente nos toca e já o somos, na medida em que nos tornamos inconscientes de nós mesmos. Este é o perigo originário que o homem primitivo conhece instintivamente, por estar ainda tão próximo deste pleroma, e que é objeto de seu pavor. Sua consciência ainda é insegura e se sustenta sobre pés vacilantes. Ele é ainda infantil, recém-saído das águas primordiais. Uma onda do inconsciente pode facilmente arrebatá-lo e ele se esquecer de quem era, fazendo coisas nas quais não se reconhece. Por isso, os primitivos temem os afetos (emoções) descontrolados, pois neles a consciência submerge com facilidade, dando espaço à possessão. Todo o esforço da humanidade concentrou-se por isso na consolidação da consciência. Os ritos serviam para esse fim, assim como as *représentations collectives*, os dogmas; eles eram os muros construídos contra os perigos do inconsciente, os *perils of the soul*. O rito primitivo, consiste, pois, em exorcizar os espíritos, quebrar feitiços, desviando dos maus agouros; consiste também em propiciação, purificação e coisas análogas, isto é, na produção mágica do acontecimento auxiliador.

48 São esses muros erigidos desde os primórdios que se tornaram mais tarde os fundamentos da Igreja. Portanto, são estes os muros que desabam quando os símbolos perdem a sua vitalidade. Então o nível das águas sobe, e catástrofes incomensuráveis se precipitam sobre a humanidade. O chefe religioso dos pueblos de Taos, denominado Loco Tenente Governador, disse certa vez: “Os americanos deveriam parar de perseguir nossa religião, pois se esta desaparecer e não pudermos mais ajudar nosso pai, o Sol, a atravessar o céu, os americanos e o mundo inteiro sofrerão com isso: dentro de dez anos o sol não vai mais nascer”. Isto significa que a noite virá e a luz da consciência vai extinguir-se, irrompendo o mar escuro do inconsciente.

Seja ela primitiva ou não, a humanidade encontra-se sempre no limiar das ações que ela mesma faz, mas não controla. Para citar um exemplo: todos querem a paz e o mundo inteiro se prepara para a guerra, segundo o axioma *Si vis pacem, para bellum*. A humanidade nada pode contra a humanidade e os deuses, como sempre, lhe indicam os caminhos do destino. Chamamos hoje os deuses de “fatores”, palavra que provém de *facere*, fazer. Os que fazem ficam por detrás dos cenários do teatro do mundo. Tanto no grande, como no pequeno. Na consciência, somos nossos próprios senhores; aparentemente somos nossos próprios “fatores”. Mas se ultrapassarmos o pórtico da sombra, percebemos aterrorizados que somos objetos de fatores. Saber isso é decididamente desagradável, pois nada decepciona mais do que a descoberta de nossa insuficiência. É até mesmo um motivo de pânico primitivo porque significa questionar a supremacia da consciência em que acreditamos e a qual protegemos medrosamente, pois na realidade ela é o segredo do sucesso humano. Mas uma vez que a ignorância não é motivo de segurança, sendo pelo contrário uma agravante da insegurança, é melhor, apesar do medo, saber o que nos ameaça. A formulação correta da questão já é meio caminho andado na solução de qualquer problema. Em todo caso é certo que o maior perigo reside na imprevisibilidade da reação psíquica. As pessoas de maior discernimento já compreenderam há muito que as condições históricas externas de qualquer tipo constituem meras ocasiões para os verdadeiros perigos que ameaçam a existência, ou seja, os sistemas político-sociais delirantes, os quais não devem ser considerados como conseqüências necessárias de condições externas, mas sim como decisões precipitadas pelo inconsciente coletivo.

49

Esta problemática é nova, pois em todas as épocas precedentes acreditava-se em deuses de um modo ou de outro. Foi necessário um depauperamento dos símbolos para que se descobrisse de novo os deuses como fatores psíquicos, ou seja, como arquétipos do inconsciente. Essa descoberta, sem dúvida alguma, parece inverossímil até os dias atuais. Para ser convincente é necessária aquela experiência esboçada no sonho do teólogo, pois só assim pode ser experimentada a ação espontânea do espírito movendo-se sobre as águas. Desde que as estrelas caíram do céu e nossos símbolos mais altos empalideceram, uma vida secreta governa o inconsciente. É por isso que temos hoje uma psicologia, e falamos do inconsciente. Tudo isto seria supérfluo, e o é de fato, numa época e numa forma de cultura que possui símbolos. Estes são espíritos do alto e assim pois o es-

50

pírito também está no alto. Por isso seria tolice e insensatez para tais pessoas desejar a vivência do inconsciente e investigá-lo, pois ele nada contém além do silencioso e imperturbável domínio da natureza. Nosso inconsciente, porém, contém a água viva, espírito que se tornou natureza, e por isso está perturbado. O céu tornou-se para nós espaço cósmico físico, o empíreo divino, uma encantadora lembrança de como as coisas eram outrora. Mas “nosso coração arde” e uma secreta intranqüilidade corrói as raízes do nosso ser. Podemos indagar com a *Völuspá*:

O que murmura Wotan sobre a cabeça de Mimir?
A fonte já está fervendo²⁶.

51 Para nós, tratar com o inconsciente é uma questão vital – uma questão de ser ou não ser espiritual. Todos aqueles que já tiveram experiências semelhantes àquelas mencionadas no sonho sabem que o tesouro jaz no fundo da água e tentam retirá-lo de lá. Como nunca conseguem esquecer quem são, não podem em hipótese alguma perder sua consciência. Pretendem manter-se firmemente ancorados na terra, e assim, para não abandonar a analogia – tornam-se pescadores que agarram tudo o que flutua na água com anzol e rede. Há tolos contumazes que não compreendem a atividade dos pescadores, mas estes últimos não se perturbam quanto ao significado secular de sua ação, pois o símbolo de seu ofício é muitos séculos mais antigo do que a história imperecível do Santo Graal. Mas nem todo homem é um pescador. Às vezes esta figura se detém no estágio preliminar instintivo, e neste caso se torna uma lontra, como a conhecemos por exemplo nos contos de OSCAR A.H. SCHMITZ²⁷.

52 Quem olha dentro da água vê sua própria imagem, mas atrás dele surgem seres vivos; possivelmente peixes, habitantes inofensivos da profundidade – inofensivos se o ego não fosse mal-assombrado para muita gente. Trata-se de seres aquáticos de um tipo especial. Às vezes, o pescador apanha uma ninfa em sua rede, um peixe feminino, semi-humano²⁸. Ninfas são criaturas fascinantes:

A meias ela o atraía
A meias ele se dava
E nunca mais o encontraram²⁹.

26. [Die Edda, p. 149.] Esta mesma passagem foi escrita – nota bene – no ano de 1934.

27. [Märchen aus dem Unbewussten, p. 14 s.]

28. Cf. PARACELSO, *De vita longa*, cd. por ADAM VON BODENSTEIN (1562), e meu comentário a respeito, in: *Paracelso como fenômeno espiritual*.

29. [GÖTTE, *Der Fischer*, Ballade.]

A sereia é um estágio ainda mais instintivo de um ser mágico feminino, que designamos pelo nome de *anima*. Também podem ser ondinas, melusinas³⁰, ninfas do bosque, graças ou filhas do rei dos Elfos, lârnias e súcubus que atordoam os jovens, sugando-lhes a vida. Essas figuras seriam projeções de estados emocionais nostálgicos e de fantasias condenáveis, dirá o crítico moralista. Impossível não admitir que esta constatação é de certa forma verdadeira. Mas será esta toda a verdade? Será a sereia apenas um produto de um afrouxamento moral? Não existiram tais seres em épocas remotas, em que a consciência humana nascente ainda se encontrava por inteiro ligada à natureza? Seguramente devem ter existido primeiro os espíritos na floresta, no campo, nos cursos de água, muito antes dos questionamentos da consciência moral. Além disso, esses seres eram tão temidos como sedutores, de modo que seus estranhos encantos eróticos não passavam de características parciais. A consciência era, então, bem mais simples e o domínio sobre ela absurdamente pequeno. Uma quantidade infinita do que agora sentimos como parte integrante de nossa própria natureza psíquica ainda volteia alegremente em torno do homem primitivo em amplas projeções.

O termo “projeção” não é muito apropriado, pois nada foi arrojado fora da alma; o que ocorre é que a psique atingiu sua complexidade atual através de uma série de atos de introjeção. Essa complexidade tem aumentado proporcionalmente à desespirtualização da natureza. Uma entidade inquietante da floresta de outrora chama-se agora “fantasia erótica”, o que vem complicar penosamente nossa vida anímica. Ela vem ao nosso encontro sob a forma de uma ninfa, mas se comporta como um súcubo; ela assume as mais diversas formas, como uma bruxa, e é de uma autonomia insuportável que, a bem dizer, não seria própria de um conteúdo psíquico. Eventualmente, provoca fascinações, que poderiam ser tomadas como a melhor bruxaria, ou desencadeia estados de terror que nem a aparição do próprio diabo poderia suplantar. Ela é um ser provocante que cruza nosso caminho nas mais diversas modalidades e disfarces, pregando-nos peças de todo tipo, provocando ilusões felizes e infelizes, depressões e êxtases, emoções descontroladas, etc. Nem mesmo no estado de introjeção mais sensato a ninfa se despoja de sua natureza travessa. A bruxa não parou de misturar suas poções imundas de amor e

30. Cf. com a imagem do Adepto no *Liber mutus* 1677 [fig. 13, in: Prática da psicoterapia]. Ao pescar, apanha uma ninfa. Sua *soror mystica* porém prende pássaros em sua linha, os quais representam o animus. A idéia da anima encontra-se freqüentemente na literatura dos séculos XVI e XVII, como em RICHARDUS VITUS, ALDROVANDO e no comentário ao *Tractatus aureus*. V. minha dissertação sobre *Das Rätsel von Bologna* (O enigma de Bolonha).

morte, mas o seu veneno mágico é refinado, produz intriga e auto-engano. Invisível, sem dúvida, mas nem por isso menos perigosa.

55 Mas de onde nos vem a coragem de chamar este ser élfico de anima? “Anima” significa alma e designa algo de extremamente maravilhoso e notável. Mas nem sempre foi assim. Não podemos esquecer que este tipo de alma é uma representação dogmática, cujo objetivo é exorcizar e capturar algo de inquietantemente autônomo e vivo. A palavra alemã *Seele* (alma) é muito próximo da palavra grega αἰόλος (através de sua forma gótica *saiwalô*) que significa “movente”, “iridescente”, portanto, algo semelhante a uma borboleta – em grego ψυχή – que, inebriada, passa de flor em flor e vive de mel e amor. Na tipologia gnóstica o ἄνθρωπος ψυχικός (o homem psíquico) fica hierarquicamente abaixo do πνευματικός (espiritual), e finalmente também existem as almas más, que têm de queimar no inferno por toda a eternidade. Até a alma totalmente inocente de um recém-nascido não batizado é privada pelo menos da contemplação de Deus. Entre os primitivos ela é um sopro mágico de vida (daí o termo “anima”) ou chama. Uma palavra não canônica do Senhor diz acertadamente: “Quem está perto de mim está perto do fogo”³¹. Em HERÁCLITO, em seu estágio mais elevado, a alma é ígnea e seca, pois ψυχή é parente próxima do “alento fresco” – ψύχειν significa bafejar, ψυχρός é frio, e ψῦχος, fresco...

56 Um ser que tem alma é um ser vivo. Alma é o que vive no homem, aquilo que vive por si só gera vida; por isso Deus insuflou em Adão um sopro vivo a fim de que ele tivesse vida. Com sua astúcia e seu jogo de ilusões a alma seduz para a vida a inércia da matéria que não quer viver. Ela (a alma) convence-nos de coisas inacreditáveis para que a vida seja vivida. A alma é cheia de ciladas e armadilhas para que o homem tombe, caia por terra, nela se emaranhe e fique preso, para que a vida seja vivida. Assim como Eva, no paraíso, não sossegou até convencer Adão da excelência da maçã proibida. Se não fosse a mobilidade e iridescência da alma, o homem estagnaria em sua maior paixão, a inércia³². Um certo tipo de razoabilidade é seu advogado, e um certo tipo de moralidade acrescenta sua bênção. Porém, ter alma é a ousadia da vida, pois a alma é um *daimon* doador de vida, que conduz seu jogo élfico sobre e sob a existência humana, motivo pelo qual no interior do dogma ele é ameaçado e

31. [HENNECKÉ (ed.), Neutestamentliche Apokryphen, p. 35.]

32. LA ROCHEFOUCAULD, *Maxime [supprimée]* DCXXX, p. 264. [Cf. Símbolos da transformação, parágr. 253.]

propiciado com castigos e bênçãos unilaterais que de longe ultrapassam os merecimentos humanamente possíveis. Céu e inferno são destinos da alma e não do cidadão, que em sua nudez e estupidez não saberia o que fazer consigo numa Jerusalém celeste.

A alma não é alma no sentido dogmático, nem uma *anima rationalis*, que é um conceito filosófico, mas um arquétipo natural que soma satisfatoriamente todas as afirmações do inconsciente, da mente primitiva, da história da linguagem e da religião. Ela é um “factor” no sentido próprio da palavra. Não podemos fazê-la, mas ela é sempre o a priori de humores, reações, impulsos e de todas as espontaneidades psíquicas. Ela é algo que vive por si mesma e que nos faz viver; é uma vida por detrás da consciência, que nela não pode ser completamente integrada, mas da qual pelo contrário esta última emerge. A final de contas, a vida psíquica é em sua maior parte uma vida inconsciente e cerca a consciência de todos os lados: pensamento este suficientemente óbvio quando registramos a quantidade de preparação inconsciente necessária, por exemplo, para o reconhecimento de uma percepção dos sentidos. 57

Embora pareça que a totalidade da vida anímica inconsciente pertence à alma, esta é apenas um arquétipo entre muitos. Por isso, ela não é a única característica do inconsciente, mas um de seus aspectos. Isto é mostrado por sua feminilidade. O que não é eu, isto é, masculino, é provavelmente feminino; como o não-eu é sentido como não pertencente ao eu, e por isso está fora do eu, a imagem da alma é geralmente projetada em mulheres. O sexo oposto, até certo ponto, é inerente a cada sexo, pois biologicamente falando é só o maior número de genes masculinos que determina a masculinidade. O número menor de genes femininos parece determinar o caráter feminino, que devido à sua posição subordinada permanece habitualmente inconsciente. 58

Com o arquétipo da alma entramos no reino dos deuses, ou seja, na área que a metafísica reservou para si. Tudo o que é tocado pela alma torna-se numinoso, isto é, incondicional, perigoso, tabu, mágico. Ela é a serpente no paraíso do ser humano inofensivo, cheio de bons propósitos e intenções. Ela convence com suas razões a não lidar-se com o inconsciente, pois isso destruiria inibições morais e desencadearia forças que seria melhor permanecerem inconscientes. Como quase sempre, ela não está totalmente errada; pois a vida não é somente o lado bom, é também o lado mau. Porque a alma quer vida, ela quer o bom e o mau. No reino da vida dos elfos, tais categorias não existem. Tanto a vida do corpo como a 59

vida psíquica têm a indiscreção de se portarem muito melhor e serem mais saudáveis sem a moral convencional.

60 A alma acredita no καλὸν καγαθόν³³, conceito primitivo anterior à descoberta do conflito entre estética e moral. Foi necessário um longo processo de diferenciação cristã para que se tornasse claro que o bom nem sempre é belo e o belo não é necessariamente bom. O paradoxo desse casamento de idéias não era um problema para os antigos, nem para o homem primitivo. A alma é conservadora e se prende à humanidade mais antiga de um modo exasperante. Ela prefere aparecer em roupagem histórica, com predileção pela Grécia e pelo Egito. Em relação a isto lembremos os clássicos RIDER HAGGARD e PIERRE BENOIT. O sonho do renascimento conhecido como a *Hypnerotomachia* de Polifilo³⁴ e o *Fausto* de GOETHE, também foram ao fundo da Antigüidade para apreender *le vrai mot de la situation*. Polifilo conjurou a Rainha Vênus. Goethe, a Helena de Tróia. ANIELA JAFFÉ esboçou uma imagem viva da alma na época do *Biedermeier* e dos românticos³⁵. Não vamos multiplicar o número das testemunhas insuspeitas, pois elas nos fornecem material e simbolismo autêntico para enriquecer a nossa meditação. Se quisermos saber como a alma aparece na sociedade moderna, recomendo a leitura do *Private life of Helen of Troy* de ERSKINE. Ela não é uma criação superficial, pois o sopro da eternidade paira sobre tudo o que é verdadeiramente vivo. A alma é vida além de todas as categorias e por isso pode dispensar qualquer louvor ou ultraje. A Rainha do Céu, que por acaso irrompeu na vida – será que alguém já considerou o pobre destino na lenda de Maria transposta para as estrelas divinas? A vida desregrada e sem sentido, que não se satisfaz com a própria abundância, é objeto de pavor e repulsa para um homem ajustado à sua civilização; não podemos censurá-lo por isso, pois ela também é a mãe de todos os disparates e tragédias. Assim, desde os primórdios, o homem nascido na terra com seu sadio instinto animal está em luta com sua alma e seus demônios. Se essa alma fosse univocamente escura, seria simples. Infelizmente não é assim, pois essa mesma alma pode aparecer como um anjo de luz, como psicopompos, e conduzi-lo até o significado mais alto, como sabemos pelo *Fausto*.

33. [Belo e bom.]

34. Cf. LINDA FIERZ-DAVID, *Der Liebestraum des Poliphilo*. [Ver Bibliografia acerca de RIDER HAGGARD e BENOIT.]

35. *Bilder und Symbole aus E.T. Hoffmanns Märchen "Der Goldne Topf"*.

Se o confronto com a sombra é obra do aprendiz, o confronto com a alma é a obra-prima. A relação com a alma é outro teste de coragem, uma prova de fogo para as forças espirituais e morais do homem. Jamais devemos esquecer que, em se tratando da alma, estamos lidando com realidades psíquicas, as quais até então nunca foram apropriadas pelo homem, uma vez que se mantinham fora de seu âmbito psíquico, sob a forma de projeções. Para o filho, a alma oculta-se no poder dominador da mãe e a ligação sentimental com ela dura às vezes a vida inteira, prejudicando gravemente o destino do homem ou, inversamente, animando a sua coragem para os atos mais arrojados. Para o homem da Antigüidade a alma aparece sob a forma de deusa ou bruxa; por outro lado, o homem medieval substituiu a deusa pela Rainha do Céu e pela Mãe Igreja. O mundo despido de símbolos do protestante produziu, antes de mais nada, um sentimentalismo mórbido, agravando o conflito moral que, por ser insuportável, conduziu logicamente ao “além do bem e do mal” de NIETZSCHE. Nos centros civilizados este estado de coisas manifesta-se na crescente instabilidade dos casamentos. O índice de divórcios nos Estados Unidos já foi ultrapassado em muitos países europeus, o que prova que a alma se encontra preferivelmente na projeção no sexo oposto, o que ocasiona relacionamentos magicamente complicados. Devido às suas conseqüências patológicas este fato contribuiu para o surgimento da psicologia moderna que, em sua forma FREUDiana, acha que a causa essencial de todos os distúrbios é a sexualidade, opinião que apenas exacerba os conflitos já existentes³⁶. Há uma confusão aqui entre causa e efeito. O distúrbio sexual não é a causa das dificuldades neuróticas, mas, como estas, é um dos efeitos patológicos criados pela adaptação deficiente da consciência, isto é, a consciência confronta-se com situações e tarefas que não estão ao seu alcance. Ela (a consciência) não compreende como seu mundo se alterou, e que atitude deveria tomar para adaptar-se novamente. “Le peuple porte le sceaux d’un hiver qu’on n’explique pas”³⁷, como diz uma inscrição em uma estela coreana.

Tanto no que concerne à sombra como à alma não basta conhecê-las os conceitos e refletir sobre eles. Nem podemos vivenciar seus conteúdos pela intuição ou pela empatia. É inútil decorar uma lista de arquétipos. Estes são complexos de vivência que sobrevêm aos indivíduos como destino e seus efeitos são sentidos em nossa vida mais pessoal. A

36. Expus pormenorizadamente meu ponto de vista em meu livro *A Psicologia da transferência*.

37. [O povo traz o selo de um inverno que não se explica.]

anima não vem ao nosso encontro como deusa, mas sim como equívoco talvez sumamente pessoal, ou como a maior ousadia. Quando, por exemplo, um velho e conceituado professor de setenta anos resolve abandonar sua família para casar-se com uma atriz ruiva de 20 anos – já sabemos – os deuses vieram buscar outra vítima. Assim se revela em nós a poderosíssima força demoníaca. Até há pouco tempo essa jovem teria sido eliminada por ser considerada bruxa.

63 Segundo minha experiência há muitas pessoas inteligentes e cultas que compreendem a idéia da anima e sua relativa autonomia facilmente, bem como a fenomenologia do animus nas mulheres. Os psicólogos enfrentam uma dificuldade maior neste sentido, provavelmente porque não são obrigados a confrontar-se com os fatos concretos que caracterizam a psicologia do inconsciente. E se além de tudo são médicos, seu ponto de vista sômato-psicológico os perturba, por acharem que os processos psicológicos podem ser expressos através de conceitos intelectuais, biológicos ou fisiológicos. Mas a psicologia não é biologia nem fisiologia, nem outra ciência, mas unicamente o que diz respeito ao conhecimento da alma.

64 A imagem que até então tracei da anima não é completa. Ela não deixa de ser um impulso caótico da vida, mas ao lado disso é também algo extremamente significativo; um saber secreto ou uma sabedoria oculta, algo que curiosamente contrasta com a sua natureza élfica irracional. Remeto aqui novamente aos autores acima citados. RIDER HAGGARD a chama *She Wisdom's Daughter* (Filha da Sabedoria); a Rainha da Atlântida de BENOIT tem pelo menos uma excelente biblioteca, constando de seu acervo um livro de Platão, o qual havia desaparecido. Helena de Tróia em sua reencarnação é liberta do prostíbulo em Tiro pelo sábio Simão, o Mago, e o acompanha em suas viagens. Deixei de mencionar no início, propositalmente, este aspecto característico da anima, porque o primeiro encontro com ela, em geral, leva-nos a inferir algo que nada tem a ver com a sabedoria³⁸. Este aspecto só se apresenta a quem se confronta com a anima. Somente através de um árduo trabalho é possível reconhecer progressivamente³⁹ que por detrás do jogo cruel do destino humano se esconde algo semelhante a um propósito secreto, o qual parece corresponder a um conhecimento superior das leis da vida. É justamente o mais

38. Refiro-me aqui a exemplos literários acessíveis a todos e não ao material clínico. Para nossos propósitos o exemplo literário é suficiente.

39. Isto supõe de um modo geral a discussão com os conteúdos do inconsciente, representando a grande tarefa do processo de integração.

inesperado, as coisas mais angustiosas e caóticas que revelam um significado profundo. E quanto mais este sentido é conscientizado, tanto mais a alma perde seu caráter impetuoso e compulsivo. Pouco a pouco vão se criando diques contra a inundação do caos, pois o que tem sentido se separa do que não o tem. Quando o sentido e o não sentido não são mais idênticos, a força do caos enfraquece, por subtração; o sentido arma-se com a força do sentido, e o não-sentido, com a força do não-sentido. Assim surge um novo cosmos. Não se trata de uma nova descoberta da psicologia médica mas de uma verdade milenar – da riqueza da experiência da vida vem o ensinamento que o pai transmite ao filho⁴⁰.

Sabedoria e loucura aparecem na natureza élfica como uma só e mesma coisa; e o são realmente quando a alma as representa. A vida é ao mesmo tempo significativa e louca. Se não rirmos de um dos aspectos e não especularmos acerca do outro, a vida se torna banal; e sua escala se reduz ao mínimo. Então só existe um sentido pequeno e um não-sentido igualmente pequeno. No fundo, nada significa algo, pois antes de existirem seres humanos pensantes não havia quem interpretasse os fenômenos. As interpretações só são necessárias aos que não entendem. Só o incompreensível tem que ser significado. O homem despertou num mundo que não compreendeu; por isso quer interpretá-lo. 65

Assim sendo, a alma e com ela a vida não têm sentido na medida em que não oferecem interpretação. No entanto, elas têm uma natureza passível de interpretação, pois em todo caos há um cosmos, em toda desordem uma ordem secreta, em todo capricho uma lei permanente, uma vez que o que atua repousa no seu oposto. Para reconhecê-lo é necessário uma compreensão humana discernente, que tudo decompõe em seus julgamentos antinômicos. No momento em que essa compreensão humana se confronta com a alma, o capricho caótico desta última faz com que se pressinta uma ordem secreta, e, então, postulamos uma disposição, um sentido e um propósito além de sua essência, mas isso não corresponderia à verdade. Na realidade, de início não somos capazes de refletir friamente e nenhuma ciência e filosofia pode ajudar-nos e o ensinamento religioso tradicional só nos auxilia ocasionalmente. Encontramo-nos presos e emaranhados numa vivência sem meta e o julgamento com todas as suas categorias revela-se impotente. A interpretação humana é falha porque se criou uma situação de vida turbulenta que não se adequa a nenhu- 66

40. O opúsculo de SCHMALTZ, *Östliche Weisheit und westliche Psychotherapie* constitui um bom exemplo disto.

ma das categorias tradicionais. É um momento de colapso. Mergulhamos numa profundidade última – como diz acertadamente APULEIO, “ad instar voluntariae mortis”⁴¹. Trata-se da renúncia a nossos próprios poderes, não artificialmente desejada, mas naturalmente imposta; não de uma submissão e humilhação voluntárias acionadas pela moral, mas uma derrota completa e inequívoca, coroada pelo pavor pânico da desmoralização. Só quando todas as muletas e arrimos forem quebrados e não se puder mais contar com qualquer proteção pela retaguarda, só então nos será dada a possibilidade de vivenciar um arquétipo, que até então se oculta na significativa falta de sentido da anima. É o *arquétipo do significado ou do sentido*, tal como a anima é o *arquétipo da vida*.

67 O significado sempre nos parece ser o acontecimento mais recente, porque – por alguma razão – supomos que somos nós mesmos que o outorgamos e porque acreditamos também que o mundo maior pode existir sem ser interpretado. Mas como outorgamos sentido? De que fonte, em última análise, extraímos o significado? As formas que usamos para outorgar sentido são categorias históricas que remontam às brumas da Antigüidade, fato que não levamos suficientemente em conta. Para dar sentido servimo-nos de certas matrizes lingüísticas que, por sua vez, derivam de imagens primordiais. Podemos abordar essa questão como quer que seja e sempre nos confrontaremos com a história da linguagem e dos motivos que nos reconduzem direto ao mundo maravilhoso dos primitivos.

68 Tomemos, por exemplo, a palavra idéia. Ela remonta ao conceito do εἶδος de PLATÃO, e as idéias eternas são imagens primordiais, ἐν ὑπερουρανίῳ τόπῳ (em lugar supracelestial) guardadas como formas eternamente transcendentais. O olho do vidente as percebe como *images et lares*, ou como imagens do sonho ou da visão reveladora. Ou tomemos o conceito da energia, que designa um acontecimento físico. Antigamente, era o fogo misterioso dos alquimistas, o *phlogiston*, ou a força do calor inerente à matéria, tal como o calor primordial dos estóicos, ou o πῦρ ἀεὶ ζῶον (o fogo eternamente vivo) de Heráclito, que já se aproxima muito da noção primitiva de uma onipresente força viva de crescimento e mágico poder de cura, habitualmente designado por *mana*.

69 Não quero acumular exemplos desnecessários. Basta saber que não existe *uma só* idéia ou concepção essencial que não possua antecedentes históricos. Em última análise, estes se fundamentam em formas arquetípicas primordiais, cuja concretude data de uma época em

41. [*Metamorphoseos*, XI, 23, p. 240 (tradução p. 425 : “semelhante a uma morte voluntária”).]

que a consciência ainda não *pensava*, mas *percebia*. O pensamento era objeto da percepção interior, não era pensado, mas sentido como fenômeno, por assim dizer, visto ou ouvido. O pensamento era essencialmente revelação; não era algo inventado, mas imposto ou algo que nos convencia por sua realidade imediata. O pensar precede a consciência do eu primitivo e esta é mais seu objeto do que sujeito. Mas nem mesmo nós escalamos ainda o último pico da consciência e temos portanto um pensar preexistente, de que não temos consciência enquanto nos apoiarmos em símbolos tradicionais: na linguagem do sonho, enquanto o pai ou rei não tiverem morrido.

Eu gostaria de dar um exemplo acerca do modo pelo qual o inconsciente “pensa” e “prepara” soluções. Trata-se do caso de um jovem estudante de teologia que não conheço pessoalmente. Ele tinha dificuldades no tocante à sua convicção religiosa. Nessa época teve o seguinte sonho⁴²: 70

Ele estava na presença de um velho bonito, todo vestido de preto. Sabia que era um mago branco. Este acabara de falar longamente com ele, mas o sonhador não se lembrava do que ouvira. Somente se lembrava das seguintes palavras: “E para isto precisamos da ajuda de um mago negro”. Neste momento abriu-se uma porta e um velho semelhante ao primeiro entrou, mas estava vestido de branco. Ele disse ao mago branco: “Preciso de teu conselho”, lançando um olhar interrogativo e de soslaio ao sonhador. O mago branco então falou: “Podes falar sem receio, ele é inocente”. O mago negro começou então a contar sua história. Ele viera de um país distante, onde ocorrera algo estranho. O país era governado por um velho rei que estava prestes a morrer. Ele – o rei – escolhera para si um túmulo. Pois naquele país havia um grande número de túmulos dos velhos tempos, e o rei escolhera para si o mais belo. Segundo a lenda, uma virgem nele estava sepultada. O rei ordenou que o túmulo fosse aberto a fim de prepará-lo para si. Mas quando os ossos foram expostos ao ar, reanimaram-se subitamente, transformando-se num cavalo negro, que fugiu imediatamente para o deserto e nele desapareceu. O mago negro ouviu falar dessa história e logo pôs-se a caminho para seguir o cavalo. Depois de muitos dias seguindo os seus rastros, chegou ao deserto, atravessou-o até encontrar de novo campos verdes. Lá encontrou o cavalo pastando e descobriu alguma coisa, precisando por isso do conselho do mago 71

42. Eu já citei este sonho em: A fenomenologia do espírito no conto de fadas [parágr. 398 deste volume] e em: Psicologia e educação [parágr. 208] como exemplo de um “grande” sonho, sem comentário mais pormenorizado.

branco. Encontrara as chaves do paraíso e não sabia o que fazer com elas. Neste momento emocionante o sonhador acordou.

72 À luz do que expusemos, não é difícil atinar com o significado do sonho: o velho rei é o símbolo predominante que deseja o descanso eterno, e isso no mesmo lugar em que outras “dominantes” análogas jazem enterradas. Sua escolha recai sobre o túmulo da alma, que dorme o sono da morte qual uma Bela Adormecida, enquanto um princípio válido (príncipe ou *princeps*) regula e exprime a vida. Mas quando o rei chega a seu fim⁴³, ela recobra a vida e se transforma no cavalo negro que, segundo a parábola de Platão exprime o caráter indomável da natureza passional. Quem quer que o siga chega ao deserto, isto é, a um país selvagem, distante dos homens – imagem do isolamento espiritual e moral. Mas é lá que estão as chaves do paraíso.

73 Mas o que é paraíso? Obviamente o Jardim do Éden com a árvore da vida e do conhecimento bifronte e seus quatro rios. Na versão cristã também é a cidade celeste do *Apocalipse*, o qual, como o Jardim do Éden, é concebida como mandala. Mas a mandala é um símbolo de individuação. É portanto o mago negro que encontra a chave para a solução das dificuldades de fé que oprimem o sonhador, as chaves que abrem o caminho da individuação. O par de opostos deserto-paraíso significa portanto o outro par de opostos isolamento-indivuação ou o tornar-se si-mesmo.

74 Esta parte do sonho é ao mesmo tempo uma notável paráfrase da palavra do Senhor editada e completada por HUNT e GRENFELL, onde o caminho para o reino dos céus é mostrado pelos animais e onde se lê na admoção: “Por isso conheci-vos a vós mesmos, pois sois a Cidade e a Cidade é o Reino”⁴⁴. Além disso também é uma paráfrase da serpente do paraíso que persuadiu nossos primeiros pais a cometer o pecado, e conduziu posteriormente à redenção da humanidade pelo Filho de Deus. Este nexos causal, como se sabe, propiciou a identificação ofídica de serpente com o Soter (Salvador). O cavalo negro e o mago negro são elementos meio maléficos, cuja relação com o bem é indicada pela troca do vestuário. Ambos os magos são os dois aspectos do velho sábio, o mestre superior e protetor, do arquétipo do espírito, representando o significado preexistente, oculto na vida caótica. Ele é o pai da alma, a qual, miraculosamente, também é sua virgem mãe, razão pela qual os alquimistas o denominaram

43. Cf. isto com o motivo do “velho Rei” na alquimia [*Psicologia e alquimia*, parágr. 491s].

44. [Cf. também JAMES, *Apocryphal Testament*, p. 25s.]

“filho antiqüíssimo da mãe”. O mago negro e o cavalo negro correspondem à descida ao obscuro nos sonhos anteriormente mencionados.

Que lição insuportável e difícil para um jovem estudante de teologia! Felizmente ele não percebeu que o pai de todos os profetas lhe falara nos sonhos, colocando-lhe ao alcance da mão um grande segredo. Espantamo-nos decerto com a inoportunidade de tais ocorrências. Por que este desperdício? Devemos admitir que não sabemos a influência que tal sonho exerceu sobre o sonhador a longo prazo, mas devemos ressaltar que *para mim*, pelo menos, este sonho teve um grande significado. Não se perdeu, mesmo que o sonhador não o tivesse compreendido. 75

O mestre deste sonho tenta obviamente representar o bem e o mal, em sua função conjunta, provavelmente como uma resposta ao conflito moral ainda não resolvido na alma cristã. Com esta relativização peculiar dos opostos encontramos-nos perto das idéias do Oriente, do “nirdvandva” (nirvana) da filosofia hindu, de libertação dos opostos, indicada como uma solução possível para a conciliação do conflito. Quão perigosamente significativa é a relatividade oriental do bem e do mal evidencia-se na pergunta da sabedoria indiana: “Quem demora mais para alcançar a perfeição, o homem que ama Deus, ou aquele que o odeia?” A resposta é: “O homem que ama Deus precisa de sete reencarnações para alcançar a perfeição e aquele que odeia Deus precisa de apenas três, pois quem o odeia, pensará mais nele do que quem o ama”. A libertação dos opostos pressupõe uma equivalência funcional dos mesmos, o que é contraditório para o sentimento cristão. No entanto, como o exemplo do sonho mostra, a cooperação ordenada dos opostos morais é uma verdade natural reconhecida pelo Oriente. O mais claro exemplo disto nós o encontramos na filosofia taoísta. Mas na tradição cristã também há várias afirmações que se aproximam deste ponto de vista. Bastaria lembrar a parábola do administrador infiel. 76

Nosso sonho não é o único que diz respeito a isso, pois a tendência para relativizar os opostos é uma característica notável do inconsciente. Devemos porém acrescentar que isto só é verdade nos casos de sensibilidade moral exagerada; em outros casos o inconsciente pode apontar inexoravelmente para o caráter irreconciliável dos opostos. Como regra geral, o ponto de vista do inconsciente é compensatório em relação à atitude consciente. Por isso, podemos dizer que o sonho citado pressupõe as condições e dúvidas específicas de uma consciência teológica protestante. Isto significa uma limitação de sua asserção a uma área problemática determinada. Mas, mesmo com esta limitação quanto à validade, os sonhos demonstram a supremacia do seu ponto de vista. Por isso, o significado 77

do sonho é expresso adequadamente pela voz e opinião de um mago sábio, o qual supera em todos os sentidos a consciência do sonhador. O mago é sinônimo do velho sábio, que remonta diretamente à figura do xamã na sociedade primitiva. Como a alma, ele é um daimon imortal que penetra com a luz do sentido a obscuridade caótica da vida. Ele é o iluminador, o professor e mestre, um psicopompo (guia das almas) de cuja personificação nem NIETZSCHE, o “destruidor das tábuas da Lei”, pôde escapar. NIETZSCHE invocou, através de sua reencarnação no Zaratustra, o espírito superior de uma idade quase homérica, para tornar-se portador e porta-voz de sua própria iluminação e êxtase dionisíaco. Para ele, Deus tinha morrido, mas o daimon da sabedoria tornou-se, por assim dizer, seu desdobramento físico. Ele mesmo diz:

Então, de repente, amiga! Um tornou-se Dois
– E Zaratustra passou a meu lado...⁴⁵

78 Para NIETZSCHE, Zaratustra é mais do que uma figura poética, é uma confissão involuntária. Ele também se perdera na obscuridade de uma vida descristianizada, distante de Deus. Por isso, veio a ele o revelador e iluminador como fonte expressiva de sua alma. Esta é a origem da linguagem hierática do *Zaratustra*, pois este é o estilo do arquétipo.

79 Na vivência deste arquétipo, o homem moderno experimenta a forma mais arcaica do pensar, como uma atividade autônoma cujo objeto somos nós mesmos. Hermes Trismegisto, ou o Thoth da literatura hermética, Orfeu, o Poimandres e seu parentesco com o Poimen de Hermes⁴⁶ são outras formulações da mesma experiência. Se o nome “Lúcifer” não fosse marcado pelo preconceito, seria provavelmente o nome mais adequado para este arquétipo. Bastou-me por isso designá-lo como *o arquétipo do velho sábio*, ou *do sentido*. Como todos os arquétipos, este também tem um aspecto positivo e outro negativo, mas não entrarei aqui em maiores detalhes. O leitor encontrará uma exposição detalhada da dupla face do “velho sábio” em meu ensaio sobre a “Fenomenologia do espírito no conto de fadas”⁴⁷.

80 Os três arquétipos acerca dos quais já falamos – a sombra, a alma e o velho sábio – são algo que se apresenta de um modo personificado na experiência direta. No que foi dito acima, tentei indicar quais são as con-

45. [“Sils-Maria”. In: *Lieder des Prinzen Vogelfrei*, p. 360.]

46. REITZENSTEIN considera o *Pastor de Hermas* como um texto cristão que compete com *Poimandres*.

47. Ver cap. VIII deste volume.

dições psicológicas e gerais que dão origem a tal experiência. Mas o que afirmei não passou de racionalizações abstratas. Na realidade, deveríamos dar uma descrição do processo tal como se apresenta na experiência imediata. No decorrer desse processo os arquétipos aparecem como personalidades atuantes em sonhos e fantasias. O processo mesmo constitui outra categoria de arquétipos que poderíamos chamar de arquétipos de *transformação*. Estes não são personalidades, mas sim situações típicas, lugares, meios, caminhos, etc., simbolizando cada qual um tipo de transformação. Tal como as personalidades, estes arquétipos também são símbolos verdadeiros e genuínos que não podemos interpretar exhaustivamente, nem como σημεῖα (sinais), nem como alegorias. São símbolos genuínos na medida em que eles são ambíguos, cheios de pressentimentos e, em última análise, inesgotáveis. Os princípios fundamentais, os ὄρχαί do inconsciente, são indescritíveis, dada a riqueza de referências, apesar de serem reconhecíveis. O intelecto discriminador sempre procura estabelecer o seu significado unívoco e perde o essencial, pois a única coisa que é possível constatar e que corresponde à sua natureza é a multiplicidade de sentido, a riqueza de referências quase ilimitadas que impossibilita toda e qualquer formulação unívoca. Além disso, esses arquétipos são por princípio paradoxais a exemplo do espírito que os alquimistas consideravam como *senex et iuvenis simul*⁴⁸.

Se quisermos ter uma idéia do processo simbólico podemos tomar como exemplo as séries de imagens alquímicas, embora tais símbolos sejam em sua maioria tradicionais, mesmo que de obscura procedência e significação. O sistema dos chacras tântricos⁴⁹, ou o sistema nervoso místico da ioga chinesa⁵⁰ são exemplos notáveis. A série de imagens do tarô também parecem ser derivados dos arquétipos de transformação, opinião que foi reforçada para mim através de uma conferência esclarecedora do Professor BERNOUILLI⁵¹. 81

O processo simbólico é uma *vivência na imagem e da imagem*. Seu desenvolvimento apresenta geralmente uma estrutura enantiodrômica, tal como o texto do *I Ching*, apresentando portanto um ritmo de negativo e positivo, de perda e ganho, de escuro e claro. Seu início é quase sempre caracterizado por um beco sem saída ou qualquer outra situação impossível. 82

48. [Ao mesmo tempo velho e jovem.]

49. AVALON [ed.], *The Serpent Power*.

50. ROUSSELLE, *Seelische Führung im lebenden Taoismus*.

51. BERNOUILLI, *Zur Symbolik geometrischer Figuren und Zahlen*.

vel; sua meta, em amplo sentido, é a iluminação ou consciência superior, através da qual a situação inicial é superada num nível superior. Em relação ao fator tempo, o processo pode ser comprimido num único sonho ou num curto momento de vivência, ou então estender-se por meses ou anos, dependendo da situação inicial do indivíduo envolvido no processo e da meta a ser atingida. É óbvio que a riqueza dos símbolos oscila extraordinariamente. Tudo, no entanto, é vivenciado numa forma imagética, isto é, simbolicamente, não se tratando porém de perigos fictícios, mas de riscos muito reais, dos quais pode depender todo um destino. O perigo principal é sucumbir à influência fascinante dos arquétipos, o que pode acontecer mais facilmente quando as imagens arquetípicas *não são conscientizadas*. Caso exista uma predisposição psicótica pode acontecer que as figuras arquetípicas – as quais possuem uma certa autonomia graças à sua numinosidade natural – escapem ao controle da consciência, alcançando uma total independência, ou seja, gerando fenômenos de possessão. No caso de uma possessão pela alma, por exemplo, o paciente quer transformar-se por autocastração numa mulher chamada Maria, ou então receia que algo semelhante aconteça violentamente. O melhor exemplo disto é o livro de SCHREBER⁵². Os pacientes descobrem muitas vezes toda uma mitologia de alma, com numerosos temas arcaicos. Um caso deste tipo foi publicado há tempos por NELKEN⁵³. Outro paciente descreveu suas próprias experiências em um livro e comentou-as⁵⁴. Menciono estes casos porque ainda há pessoas que pensam serem os arquétipos quimeras subjetivas do meu cérebro.

83 As coisas que vem à tona brutalmente nas doenças mentais permanecem ainda veladas na neurose, mas não deixam de influenciar a consciência. Quando, no entanto, a análise penetra no pano de fundo dos fenômenos da consciência, ela descobre as mesmas figuras arquetípicas que avivam os delírios psicóticos. Finalmente, numerosos documentos histórico-literários comprovam que tais arquétipos existem praticamente por toda parte, tratando-se portanto de fantasias normais e não de produtos monstruosos de insanidade. O elemento patológico não reside na existência destas idéias, mas na dissociação da consciência que não consegue mais controlar o inconsciente. Em todos os casos de dissociação é

52. *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken*.

53. *Analytische Beobachtungen über Phantasien eines Schizophrenen* (Observações analíticas sobre as fantasias de um esquizofrênico).

54. CUSTANCE, *Wisdom, Madness and Folly*.

portanto necessário integrar o inconsciente na consciência. Trata-se de um processo sintético que denominei “processo de individuação”.

Este processo corresponde ao decorrer natural de uma vida, em que o indivíduo se torna o que sempre foi. E porque o homem tem consciência, um desenvolvimento desta espécie não decorre sem dificuldades; muitas vezes ele é vário e perturbado, porque a consciência se desvia sempre de novo da base arquetípica instintual, pondo-se em oposição a ela. Disto resulta a necessidade de uma síntese das duas posições. Isto implica uma psicoterapia mesmo no nível primitivo, onde ele toma a forma de rituais de reparação. Como exemplos menciono a identificação regressiva dos aborígenes australianos com os ancestrais no período alcheringa, a identificação com os filhos do Sol entre os pueblos de Taos, a apoteose de Hélios no mistério de Ísis, em APULEIO, etc. O método terapêutico da psicologia complexa consiste por um lado numa tomada de consciência, o mais completa possível, dos conteúdos inconscientes constelados, e por outro lado numa síntese dos mesmos com a consciência através do ato cognitivo. Dado que o homem civilizado possui um grau de dissociabilidade muito elevado e dele se utiliza continuamente a fim de evitar qualquer possibilidade de risco, não é garantido que o conhecimento seja acompanhado da ação correspondente. Pelo contrário, devemos contar com a extrema ineficácia do conhecimento e insistir por isso numa aplicação significativa do mesmo. O conhecimento por si mesmo não basta, nem implica alguma força moral. Nestes casos vemos claramente como a cura da neurose é um problema moral.

84

Uma vez que os arquétipos são relativamente autônomos como todos os conteúdos numinosos, não se pode integrá-los simplesmente por meios racionais, mas requerem um processo dialético, isto é, um confronto propriamente dito que muitas vezes é realizado pelo paciente em forma de diálogo. Assim ele concretiza, sem o saber, a definição alquímica da meditação, como *colloquium cum suo angelo bono*, como diálogo interior com seu anjo bom⁵⁵. Este processo tem um decurso dramático, com muitas peripécias. Ele é expresso ou acompanhado por símbolos oníricos, relacionados com as *représentations collectives*, as quais sempre retrataram os processos anímicos da transformação sob a forma de temas mitológicos⁵⁶.

85

55. RULANDUS, *Lexicon alchemiae*, v. o verbete meditatio.

56. Remeto o leitor às minhas explicações, in: *Símbolos da transformação*.

86 No breve espaço de uma conferência devo contentar-me com a apresentação de poucos exemplos de arquétipos. Escolhi os que na análise do inconsciente masculino desempenham o papel principal; também procurei esboçar rapidamente o processo psíquico da transformação em que eles se manifestam. A partir da primeira publicação desta conferência, as figuras aqui comentadas da sombra, da anima e do velho sábio, juntamente com as respectivas figuras do inconsciente feminino, foram elaboradas com maiores detalhes nas minhas contribuições ao simbolismo do si-mesmo⁵⁷, além de ter sido analisado mais profundamente o processo da individuação em sua relação com o simbolismo alquímico⁵⁸.

57. *Aion. Investigações para uma história do símbolo.*

58. *Psicologia e alquimia.*